

24º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

Último Domingo do Ano Eclesiástico

TEXTO: MALAQUIAS 3.13-18

Tema do dia:

Uma linha de pensamento que pode unir estas leituras é a relação do Pai com os seus filhos, principalmente em meio a um ambiente hostil, com aqueles que não ouvem a Deus e zombam dele. Os textos ressaltam o amor e a proteção com que Deus guarda aqueles que ouvem ao Senhor e buscam refúgio nos seus braços. Sem méritos, estes possuem o privilégio de serem guiados pela Palavra alentadora do Pai. O texto de Malaquias 3.13-18 acusa aos que deixaram de conduzir suas vidas sem os preceitos de Deus. O livro de Malaquias resalta o amor do Pai na maneira que cuida de Israel como os seus filhos, nunca os negligenciando ou desamparando-os; apesar que em meio a Israel tiveram alguns que duvidaram de Deus e o puseram à prova. Ou seja, Deus não esquece dos seus. Malaquias acusa o pecado daqueles que desanimaram de servir a Deus, em troca de uma vida apartada da vontade Divina, com isso, serão julgados. Aqueles que temiam ao Senhor, serão poupados.

Textos paralelos:

Salmo 46

O Salmo 46 expressa que em Deus temos “refúgio e fortaleza”. É um cântico dividido em três estrofes. A segunda e a terceira terminam com a expressão “o Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio” (v.7, 11 - NAA). Podemos imediatamente lembrar do hino luterano Castelo Forte, escrito por Lutero. A ênfase do salmo está no próprio Deus, nele encontramos refúgio incomparável. As grandes dificuldades que enfrentamos são representadas na imagem dos montes estremeando e as águas tumultuando. Contudo, diante delas, não precisamos temer. Dessa forma, além da presença daqueles descritos em Malaquias, que abandonaram a fé, aqui no salmo temos as tormentas em todo o mundo, aumentando a violência com que o povo de Deus é afrontado. Por outro lado, as coisas do mundo e as que nós temos, amigos e família, não podem oferecer tamanho amparo que Deus oferece – só Ele é estável. A cidade inabalável descrita do salmo permanece nesse estado pois “Deus está no meio dela” (v.4 - NAA).

Colossenses 1.13-20

Os textos do Novo Testamento continuam apresentando o reinado pleno de Deus, assim como exposto no salmo e em Malaquias. O seu reinado está firmado na obra de Cristo e não tem fim. O texto de Colossenses apresenta que, pela obra de Cristo, fomos libertos do império das trevas. Por meio disso, os colossenses são chamados a confiar no “Filho amado” como a própria imagem do Deus invisível, o Primogênito de toda a criação e o Cabeça da Igreja. Aqui vemos o resumo da obra divina da redenção e todas as bênçãos que o crente recebe. Antes éramos inimigos, agora fomos reconciliados. Desta forma, somos mantidos, pela fé em Cristo, no Reino de Deus, sobre terra e céus, no Reino “do Filho amado” (v.1 – NAA).

Lucas 23.27-43

O texto do Evangelho conforme Lucas 23.27-43 relata o momento da crucificação de Jesus. No meio da multidão que o seguia para o Calvário estavam mulheres que “batiam no peito e o lamentavam” (v.27 – NAA). Jesus se dirige a elas dizendo que deviam se lamentar pelo dia que ainda viria, pois traria grande lamentação sobre o povo. Desta forma, este é o momento do povo se arrepender dos seus pecados, antes que sejam a “madeira seca” (v.31 – NAA) para o dia do Juízo. Jesus foi crucificado ao lado de malfeitores da época e a vista daqueles do povo de Israel que zombavam dele. Ambos, as autoridades do povo e o malfeitor, esperavam de Jesus o seu último milagre para o livrar da cruz. No entanto, Jesus foi além, servindo-os com sua vida dando perdão dos pecados, usando a sua crucificação, morte e ressurreição para estabelecer um reinado de graça sobre todos aqueles que buscam a Deus.

Todos os textos possuem aspectos escatológicos. O texto de Malaquias, que em especial vamos aprofundar para este dia, apresenta que o juízo de Deus irá ressaltar a diferença entre os blasfemadores e os justos.

Estudo de Malaquias 3.13-18

O livro de Malaquias é dividido por seis debates que Malaquias fez com o povo. Alguns exegetas destacam esse perfil de anúncio, tendo em vista que o profeta dialoga com o povo de maneira que não somente gera um discurso, mas vai à frente do povo debater os pontos da mensagem a ser proferida. Nestes capítulos, o primeiro e principal tema é sobre a aliança de Deus. A fidelidade de Deus está muito acima da forma que Israel correspondia a esta fidelidade. Logo, isso gerou as acusações contra o povo.

Nisto são mencionadas 3 alianças: a aliança com Levi (Ml 2.8) a aliança dos pais e a aliança de casamento. Assim fica expresso que o amor de Deus está em sua aliança e o seu julgamento está na violação desta aliança.

A aliança com Levi denuncia que os sacerdotes não estavam cumprindo as suas responsabilidades diante do Senhor. A aliança relacionada aos pais demonstra a quebra de compromisso com o Senhor, Pai de Israel, por parte de seus filhos. A aliança de casamento aponta a desmoralização dessa aliança, pois os israelitas estavam abandonando suas esposas para tomarem mulheres estrangeiras - indicando para onde o coração dos Israelitas estava firmado.

13 — Vocês disseram palavras *duras* contra mim, diz o Senhor, e ainda perguntam: “O que falamos contra ti?”

Neste discurso, o profeta acusa aqueles que endureceram suas palavras contra Deus. O sentido básico de קָטַן é “ser forte” ou “tornar-se forte”. Outros usos desta raiz podemos ver no caso do Faraó onde “o coração de Faraó se endureceu” (Êx 4 – 14).

É interessante o uso na primeira pessoa que BALDIWNG (2000, p.181) observa no livro. Como no capítulo 1.4 diz “Eu vou derrubar outra vez”, e, também, no capítulo 2.5 “minha aliança com ele foi de vida e paz”, entre outros – 47 versículos entre os 55 totais, o texto traz um diálogo mais direto e vívido entre Deus e o seu povo. Este uso aponta para a forma do diálogo estabelecido para o envio da mensagem. Nesta relação, Deus se coloca como o Pai e trata Israel como o seu filho (1.6; 3.17). Ele quer abençoar todo o povo, de forma que sejam felizes através da aliança realizada por Deus (3.10-12).

14 Vocês dizem: “É inútil servir a Deus. De que nos adianta guardar os seus preceitos e andar de luto diante do Senhor dos Exércitos? 15 Agora, pois, nós vamos dizer que os soberbos é que são felizes. Também os que praticam o mal prosperam; sim, eles tentam o Senhor e escapam.”

A cegueira situacional dos israelitas se mostra muito forte, pois para alguns existe exagero nas acusações. Então, procuram culpar a Deus de injustiça, pois nada disseram que não fosse verdade. Além disso, “guardar os seus preceitos e andar de luto” nada fez com que a situação fosse melhor para eles. Enquanto isso, aqueles que transgrediram os preceitos do Senhor não sofrem nada, pelo contrário, prosperam nas suas próprias vontades. Deus os repreende, e depois de duvidarem sobre a justiça de Deus veio a repreensão para “aqueles que

disseram palavras duras”, pois são considerados inimigos de Deus. Eles concluem que é inútil servi-lo, desta forma agem perversamente.

Estas pessoas que se rebelam e examinam a Deus (בְּחִנּוּ – “provar, examinar” - um sentido mais próximo é “provar” a Deus), por causa da sua apatia, são maus (רָשָׁעִים) e agem perversamente. São chamados de inimigos de Deus.

16 Então os que temiam o Senhor falavam uns aos outros. O Senhor escutou com atenção o que diziam. Havia um memorial escrito diante dele para os que temem o Senhor e para os que se lembram do seu nome.

Aqui são mencionados os que temiam o Senhor. Podemos dizer que são expostos em contraste com aqueles que não temem a Deus. De certa forma, aqueles que temem a Deus acabam refletindo este temor positivamente em sua vida. Se usarmos o exemplo de Jó, como alguém temente a Deus, este, por sua vez, evita o mal (Jó 1.1). No Salmo 128.1, aquele que teme a Deus anda nos seus caminhos. Como neste verso de Malaquias, aqueles que “temiam o Senhor” são contrastados com os perversos. Isso podemos aplicar aqueles que ocupam cargos importantes (governos), que neste caso podemos sugerir os sacerdotes que deixaram de temer a Deus, permitindo que o povo oferecesse sacrifícios impróprios ao nome do Senhor. Estes fizeram o povo perder ainda mais a reverência pelo culto e o temor ao Senhor. Logo, essa falta de temor é percebida na vida e no amor ao Pai e ao próximo.

Não podemos deixar de notar que aquele que faz o contraste entre o temente e o perverso é Deus, assim mostra a sua justiça sobre o povo, pela qual governa. Deus não se alegra com aqueles que caminham para a perdição e por isso chama a atenção do seu povo, que, por hora, deixou de louvar a Deus por suas misericórdias e ouve agora o peso da lei.

17 — Eles serão a minha propriedade peculiar, naquele dia que prepararei, diz o Senhor dos Exércitos. Eu os pouparei como um homem poupa seu filho que o serve.

Uma das maiores riquezas deste verso está no final reservado aos que temem ao Senhor: “a minha propriedade particular”. Desta forma, naquele dia, em que o Senhor preparou, um dia também de destruição, Deus reserva para si estes que o serviram. Eis o tema que circunda estes versos finais.

Israel foi sempre chamada de a propriedade do Senhor (Sl 135.4). Quando foram resgatados da escravidão, foi unicamente porque Deus os amava e era fiel às promessas feitas aos patriarcas. Neste ponto, voltamos à fidelidade de Deus com Israel, que contrasta com a

infidelidade que lhe era retribuída. No entanto, Deus continuava com o seu povo para que soubessem que eram de sua propriedade, alimentados e cuidados por uma aliança firmada por Ele.

No AT, a expressão סגולה (*propriedade pessoal*) ocorre 8 vezes e carrega muito significado teológico e espiritual. Esse significado recebe maior peso quando, no Dia do Juízo, o povo de Deus será poupado (*ou receberá compaixão*) do fim que os perversos receberão. Esta “propriedade particular” recebe tal valor através do que Deus fez e continua fazendo por ela. A raiz חמל está aliada a uma ação de livrar o seu objeto (*propriedade*) de um momento que certamente acontecerá.

Neste caso, um final que está para acontecer e é inevitável, aplica-se a imagem de um homem que poupa o seu filho que o serve. A mesma imagem de Deus para com Israel, quando estavam no cativeiro babilônico e ouvia aqueles que zombavam deles. Em Ez 36.21, a mesma raiz é usada para manifestar a reação de Deus quando o seu nome era profanado por aqueles que zombavam de Israel. Ou seja, Deus não permanece inerte perante os que zombam do seu nome, logo, também quando zombam do seu povo. Isto aplica-se aos que “temiam ao Senhor” e aos soberbos, onde Deus não deixa de manifestar a sua justiça – o contrário do que lhe acusavam.

18 Então vocês verão mais uma vez a diferença entre o justo e o ímpio, entre o que serve a Deus e o que não o serve.

O contraste entre o justo e o ímpio se manifesta “entre o que serve a Deus e o que não o serve”. A mesma raiz usada no verso anterior para o “filho que o serve”, nesse caso עָבַד (*servir*). Este *servir* não se qualifica como ser escravo ou fazer algo compulsoriamente, mas se trata de uma experiência jubilosa e libertadora.

Desta forma, o ímpio perde desde já esse aspecto de liberdade, quando ainda permanece escravo à natureza do seu pecado. Por outro lado, os justos não geram méritos por servir, pois desde o início Deus os chamou de Seus filhos e manteve a sua aliança com eles desde o Sinai. Por meio disso, o povo de Israel vive debaixo da aliança onde são escolhidos como sua “propriedade particular”.

Proposta Homilética:

Como proposta homilética, sugiro extrair uma abordagem de quanto o ser humano tem dificuldade de conhecer a aliança de Deus e os seus feitos por através delas. No caso do povo

de Israel, puseram dúvidas sobre as promessas e preceitos de Deus. A aliança de Deus concedeu a eles bênçãos, mas ofuscaram a chegada destas bênçãos. Isso é visto hoje, no nosso tempo.

Exemplo disso é que muitos não se envolvem em alianças “sérias”, devido elas “forçarem” manter um acordo – no casamento, por exemplo. Na maioria, desconhecem o que se ganha numa aliança, pois primeiro se torturam com a ideia de não poderem desfazer o trato sob qualquer mudança ou pressão que surja. E, ainda antes, temem a represália se quebrarem uma aliança. Isso é o medo de um relacionamento, que, na verdade, é desconhecimento em suas bênçãos.

Essa abordagem, leva ao ensino como ponto de contato para nós hoje. Quanto mais o homem se desvia de Deus e da sua Palavra, ele se torna parecido com o mundo e as suas injustiças. Longe dos preceitos de Deus, se acostuma com as injustiças do mundo as normalizando. Por tanto, não se arrepende e não sente falta do perdão dos pecados. Comete injustiças, pois não se volta a Deus e a sua Palavra para a correção.

Por mais que vemos dificuldade nas alianças aqui no mundo, temos em Deus uma aliança ainda mais perfeita. Uma aliança realizada no batismo. Nele, entramos na eterna aliança com Deus através de Jesus.

Por mais que somos sempre convidados de diversas formas a comparar e pesar a aliança de Deus com as coisas do mundo, com Deus a aliança é incomparavelmente melhor. O papel do pregador é salientar esta aliança e o poder de Deus sobre nossas vidas. No verso 17 lemos “a minha propriedade peculiar”, assim somos chamados. No nosso tempo, já estamos vivendo o resultado da nova aliança em Cristo. Ele é o fiador de uma aliança melhor (Hb 7.22), que produz uma esperança melhor pela qual chegamos a Deus. Nesta aliança, seremos poupados “como um homem poupa seu filho que o serve” (v.17), pois Deus poupou a nós ao entregar o seu Filho em nosso lugar.

A ideia é lançar para os ouvintes a necessidade de viver uma vida santa com Deus e desfrutar das bênçãos eternas com Ele. Além disso, outro objetivo é incentivar a Bíblia para dentro de casa – a Palavra de Deus nos lares e consciências, é uma necessidade para todos. Por fim, é uma oportunidade de ensinar como a fé altera a nossa percepção de que vivemos no dia a dia essa aliança com Deus: no casamento, no trabalho, igreja, escola. Deus se faz presente em todas as áreas dizendo que somos sua “propriedade peculiar”, não só ao povo de Israel naquele tempo, mas hoje também pela aliança em Jesus (1Pd 2.9-10). Vivemos

confiando, sendo conduzidos pela Palavra e o Espírito Santo, sabendo que Deus proporciona bênçãos eternas.

Rev. Charles Rangel Kutz Colniza

Bibliografia

BALDWIN, Joice. G. **Ageu, Zacarias e Malaquias: introdução e comentário.** Trad. por Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1982.

BRUCE, F. F. **Comentário Bíblico NVI: Antigo e o Novo Testamento.** São Paulo: Edit. Vida, 2008.

BRUG, Jhon F. **The People's Bible: Psalms 1–72.** Milwaukee: Northwestern Publishing House, 1989.

BOICE, James Montgomery. **Psalms.** Columbus: Baker Books, 1994.

BUSH, Frederic W.; HUBBARD, A. David; LASOR, William S. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2005.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Lucas.** São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

_____. **1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemon.** Trad. de Ezia C.

KAISER JR, Walter C. **O Plano da Promessa de Deus: teologia bíblica do Antigo e do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2011.

LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas: interpretação bíblica.** Vol. 8. São Leopoldo: Porto Alegre: Editora Concórdia, 2003.

TENNEY, Merrill C. **O Mundo do Antigo Testamento.** São Paulo: Editora Vida, 2002.

KUNSTMANN, Walter G. **Os Profetas Menores: comentário bíblico.** Porto Alegre: Editora Concórdia, 1983.